Jardim de Deus

Campos do Jordão, 12 de outubro de 2013

Agradecimentos:

A Deus, por me chamar à vida,
Toda a glória!

Aos meus pais, por cooperarem com Ele,
gerando-me a vida,
Honra lhes seja!

Dedicatória:

Ao caríssimo Pastor Maurício, quando ouviu meu primeiro sermão sobre o Jardim de Deus, e acreditou em meu ministério.

Prefácio

Um número pequeno de autores cristãos tem se dedicado ao estudo e à escrita sobre o livro bíblico de Cantares de Salomão.

Por ser um texto poético, que fala do amor apaixonado de um homem por uma jovem mulher, poucos conseguem fazer aflorar do Cântico dos Cânticos uma mensagem atual e relevante para o cristão e para a igreja de Cristo. Contrariando esse panorama, em *Jardim de Deus* o autor Maurício de Souza Lino descortina um belo estudo devocional e ao mesmo tempo teológico a partir de algumas perícopes do texto sagrado, para aplicação em várias áreas da vida cristã.

Como lembra o autor, Cantares fala de amor, companheirismo, romance e poesia, numa interpretação alegórica do amor de Deus por Israel, que também pode ser aplicada às relações e núpcias de Cristo com sua Igreja e à união mística da alma com Deus, e por isso devemos olhar a vida, o sexo e o casamento do ponto de vista do Senhor.

É interessante observar que nas Escrituras Sagradas o jardim representa uma figura de linguagem que envolve as principais dimensões da cosmovisão cristã: Criação, Queda e Redenção.

Depois de criar o primeiro casal, Deus os coloca no jardim do Éden. Mas, diferentemente das outras criações, a Bíblia registra que o Jardim foi *plantado* (*heb*: nãta) por Deus (Gn. 2.8), para que o homem pudesse cuidar e cultivá-lo (Gn. 2.15). Aqui está o mandato cultural. Deus forma, mas o homem possui a responsabilidade de ser o mordomo do jardim.

Mas, ainda no horto do Éden, ocorre também a Queda. Deus havia ordenado: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente morrerá" (v. 16, 17).

Portanto, no Jardim de Deus há limites e responsabilidades morais! Mas Adão e Eva não obedeceram ao comando divinal. Depois de darem ouvidos à Serpente e comerem do fruto da árvore do conhecimento, são expulsos, desligados, afastados daquele habitat (Gn. 3.23). Deus ainda colocou querubins e uma espada flamejante ao leste do Jardim, guardando o caminho para a árvore da vida (v. 24). Estava selado, então, o banimento do homem do Jardim de Deus!

Ocorre que somente mediante a Redenção divina é que o homem pode ter de volta acesso ao Jardim Celestial. E tal Redenção começa a ser perfilhada em outro jardim: O Getsêmani (Mt. 26.36).

Nele, Cristo, o Filho Enviado de Deus, dá início à caminhada de sofrimento e agonia em direção à cruz, onde ele expira e diz: Está consumado! (Jo 19.30).

Mas observe. No local onde fora crucificado também havia um jardim, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto (Jo. 19.41).

E foi exatamente deste sepulcro que ele ressuscitou ao terceiro dia para completar o seu plano redentivo, possibilitando ao homem regressar ao Jardim de Deus e ter livre acesso ao Pai (Ef. 2.18). Por isso, ao que vencer, Deus dá a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso (jardim) de Deus (Ap. 2:7). Desse modo, o jardim tem uma mensagem magnífica para o coração humano, dentro de um plano celestial eterno e perfeito. Neste livro, o autor descortina algumas nuanças deste plano a partir do livro de Cantares de Salomão.

Adentre ao jardim celestial!

Valmir Nascimento Milomem Santos
É jurista, teólogo e escritor
Manaus, AM

Apresentação

Cantares de Salomão, o Cântico dos Cânticos, o Cântico por excelência, é o cântico mais belo dentre os 1.005 que o jovem rei Salomão escreveu. Provavelmente escreveu este cântico em sua juventude, antes de ser tomado pela obsessão por mulheres, sexo e prazer, o que não oferece o melhor exemplo de devoção conjugal, já que teve muitas esposas e concubinas; entretanto, as muitas experiências registradas neste livro podem refletir o único romance verdadeiro que ele teve.

Muitas vezes o livro tem sido criticado por causa da linguagem sensual empregada pelo escritor. Contudo, a pureza e a santidade do amor representado nele são muito necessárias nos dias de hoje, nos quais o amor, o sexo e o casamento são banalizados. Nossa época não deveria deixar passar despercebida esta lição. É um poema lírico em forma de diálogo, que descreve o amor de Salomão por uma jovem Sulamita.

O rei vem, disfarçado, à vinha da família da jovem, ganha seu coração e, por fim, faz dela a sua noiva.
Celebra numa série de poemas o amor mútuo de um amado e de uma amada que se unem e se perdem, se buscam e se encontram. Os instantâneos no livro retratam as alegrias desse amor no noivado e no casamento.

Não fala de Deus e emprega a linguagem de um amor apaixonado. Proclama a legitimidade e exalta o valor do amor humano.

Cantares de Salomão, foi escrito por alguém que amava e era amado. Ao longo da história do Cristianismo, despertou muitas controvérsias. Alguns não acreditavam que o livro era inspirado e, portanto, não poderia fazer parte da Bíblia.

Hoje, Cantares de Salomão está sendo redescoberto pelos estudiosos da Palavra de Deus.

O livro fala de amor, companheirismo, romance e poesia. Cantares é um livro de poesia de amor. Não amor platônico, mas de ardente amor conjugal puro. O ambiente é poético e construído com descrições tiradas dos bosques (cedros e ciprestes) e os jardins (narciso, açucena).

Por detrás do sentido literal, temos a interpretação alegórica: o amor de Deus por Israel e o do povo por seu Deus que são representados como o relacionamento entre dois esposos.

É legítimo aplicar Cantares de Salomão às relações e núpcias de Cristo com sua Igreja e à união mística da alma com Deus.

Ao ler Cantares de Salomão, devemos lembrar que somos amados por Deus, e procurar olhar a vida, o sexo e o casamento do ponto de vista do Senhor.

Maurício de Souza Lino,
Historiador, Bibliotecário,
Professor, Escritor, Pastor

O Jovem Salomão

“Contudo vos digo que nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles” (Mt. 6,29).

Na ocasião em que lhe foi dada a oportunidade de possuir qualquer coisa no mundo, Salomão, com humildade e senso de dever, pediu a Deus sabedoria, um coração compreensivo para julgar e, discernir entre o bem e o mal.

Ele desejava liderar bem e tomar decisões corretas para o bem de seu povo. Este pedido agradou a Deus, que não apenas lhe concedeu a sabedoria solicitada, mas também lhe deu riquezas e honra, tornando-o um exemplo de liderança justa e prudente.

Assim como Salomão, nós também podemos pedir a Deus esta mesma sabedoria para guiar nossas vidas e tomar decisões que reflitam justiça e discernimento.

Note que Salomão pediu discernimento para executar seu ofício; não solicitou que o Senhor fizesse o trabalho por ele. Esta distinção é crucial, pois demonstra a responsabilidade que ele sentia em seu papel como líder.

Assim também, não devemos pedir a Deus que faça por nós aquilo que Ele deseja realizar por nosso intermédio.

Em vez disso, devemos solicitar ao Senhor que nos conceda sabedoria para tomar as decisões corretas e coragem para executá-las.

Salomão pediu sabedoria, não bênçãos materiais, mas Deus, em Sua generosidade, lhe deu também riquezas e vida longa. Ele compreendeu que a sabedoria era a chave para liderar com justiça e eficiência, e por isso priorizou esse pedido acima de tudo. Como resultado, não apenas governou com grande discernimento, mas também foi abençoado com prosperidade e uma vida plena, mostrando que a verdadeira sabedoria traz consigo inúmeras outras bênçãos.

Mesmo que o Senhor não prometa prosperidade aos que o seguem, Ele nos concede tudo o que precisamos se colocarmos Seu reino, Seus interesses e Seus princípios em primeiro lugar.

A busca incessante por riquezas, por outro lado, é uma atitude que nos deixará sempre insatisfeitos, pois mesmo que alcancemos todos os bens materiais que almejamos, ainda sentiremos o desejo por algo mais.

Esse vazio constante evidencia a insuficiência das riquezas em proporcionar verdadeira felicidade. No entanto, quando colocamos Deus e sua obra em primeiro lugar, Ele satisfaz nossas necessidades mais profundas. Em vez de uma busca interminável por bens materiais, encontramos contentamento e paz ao viver de acordo com os propósitos divinos.

Assim, a verdadeira satisfação vem não das posses, mas de uma vida alinhada com a vontade de Deus, onde Ele preenche o vazio com seu amor e provisão.

A história de Salomão ilustra essa verdade, mostrando que a sabedoria divina e a reverência a Deus trazem consigo as bênçãos mais valiosas.

Salomão era bem-organizado e sua administração era um reflexo dessa habilidade. Ele estruturou seu governo com 11 oficiais de alto escalão, cada um com responsabilidades específicas que abrangiam diferentes aspectos do reino.
Além desses oficiais, Salomão designou 12 governadores distritais, cada um responsável por uma região específica de Israel. Esses governadores tinham a tarefa de supervisionar e gerenciar os assuntos locais, garantindo que as necessidades do povo fossem atendidas e que a ordem fosse mantida em todas as partes do reino.

Para assegurar que a administração funcionasse de maneira eficiente e coordenada, Salomão também nomeou um supervisor geral, responsável por coordenar o trabalho dos governadores distritais e garantir que as políticas do rei fossem implementadas uniformemente em todo o território.

Cada governador tinha a responsabilidade de fornecer provisões para a corte real durante um mês do ano, uma medida que distribuía equitativamente a carga entre as diferentes regiões e mantinha a estabilidade do reino.

Essa estrutura administrativa permitiu que Salomão governasse com eficácia e mantivesse a ordem e a prosperidade em Israel.

Sua capacidade de organizar e delegar responsabilidades não só refletia sua sabedoria, mas também mostrava sua habilidade em reconhecer e utilizar os talentos de seus subordinados.

A eficiência de sua administração contribuiu significativamente para a paz e a prosperidade durante seu reinado, destacando-o como um líder exemplar em todas as esferas de governo.

A organização de Salomão serve como um modelo de liderança eficaz, onde a sabedoria divina e a habilidade humana se encontram para criar um governo que não apenas atende às necessidades do presente, mas também se prepara para os desafios do futuro. Seu exemplo nos lembra da importância de uma liderança bem estruturada e da delegação de responsabilidades como chave para o sucesso em qualquer empreendimento.

Esta organização era essencial para manter a eficiência do governo, sendo uma clara demonstração do trabalho de um homem sábio.

Salomão compreendia que um bom administrador deve ser organizado e capaz de estruturar suas responsabilidades de maneira que todos possam trabalhar juntos em harmonia. Sua habilidade em criar um sistema de governança bem definido garantiu que cada oficial e governador soubesse exatamente o que se esperava deles, evitando confusões e sobreposições de tarefas.

Uma boa organização, como a implementada por Salomão, é fundamental para assegurar que o objetivo desejado seja alcançado. Quando as responsabilidades são claramente delineadas e cada pessoa entende seu papel dentro do sistema maior, o trabalho coletivo flui de maneira mais eficiente.